

HISTÓRIAS DAS PRÁTICAS DE DANÇA NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFMG*

Ms. MARCOS ANTÔNIO ALMEIDA CAMPOS

Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação (Gephe) –
Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG)
Centro de Memória da Educação Física (Cemef) – Escola de Educação Física,
Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO/UFMG)
E-mail: marcosacampos77@yahoo.com.br

RESUMO

Este estudo pretende analisar os momentos históricos ligados à história das práticas de dança na Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em seus primeiros 25 anos de existência. Busca-se compreender as representações que vincularam a dança ao feminino, afastando o masculino desse conteúdo da educação física. Os fatos aqui relatados apontam que a dificuldade em trabalhar a dança com homens no meio escolar não é gratuita, tem raízes na história construída diante desse conteúdo.

PALAVRAS-CHAVE: Dança; história; gênero.

* Este artigo resulta da dissertação intitulada *Histórias entrelaçadas: presença da dança na Escola de Educação Física da UFMG (1952-1977)*, orientada pelo professor doutor Tarcísio Mauro Vago. Pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

INTRODUÇÃO

A dança, como prática escolar e conteúdo da educação física, vem ganhando espaço e notoriedade. Isso não significa que esse processo não seja recheado de conflitos e ambiguidades. Quando alunos e pais expressam em suas falas, em suas práticas e, sobretudo, em suas ausências uma série de preconceitos e resistências quanto à prática da dança no meio escolar por parte dos homens, abre-se espaço para um questionamento interessante: se existe essa resistência, por que esses mesmos alunos e pais dançam em outros ambientes ou eventos, inclusive escolares, sem qualquer restrição ou problema identitário? Fica nítida a distinção de duas realidades nas quais a dança pode ser aceita ou não nesse meio. Dançar em festas não representa tamanha ameaça subjetiva e social; porém, participar de aulas de dança na disciplina educação física ou em eventos como festivais escolares já carrega outros elementos conflitantes e que dificultam, muitas vezes, o trabalho com dança por parte dos professores dessa área.

Toda essa problemática pode ser observada não somente nos ensinamentos infantil, fundamental e médio, mas também, e com muita força, no meio universitário. Isso pode nos levar a uma ideia de que existe uma imensa rede de influências que envolvem o imaginário¹ social, no que tange à aceitação da dança como conteúdo significativo na formação corporal, estética e artística de alunos, estejam eles em quaisquer níveis de escolarização.

Buscar uma melhor compreensão dessas e de outras questões, tendo como base as discussões sugeridas pela produção bibliográfica vinculada à história da educação física, é a proposta deste artigo, trazendo como foco de análise privilegiado a história da Escola de Educação Física da UFMG, em seus primeiros 25 anos de existência (1952-1977). Identificar e analisar as representações sobre a dança, construídas e divulgadas nesse âmbito, pode levar-nos a entender melhor esse processo, já que esse foi o principal local de formação de professores de educação física em Minas Gerais no período analisado e importante irradiador de representações sobre os conteúdos tratados na educação física no sistema escolar mineiro como um todo².

-
1. Para Sandra Jatahy Pesavento, o imaginário "comporta crenças, mitos, ideologias, conceitos, valores, e construtor de identidades e exclusões, hierarquiza, divide, aponta semelhanças e diferenças no social. Ele é um saber-fazer que organiza o mundo, produzindo a coesão ou o conflito" (2002, p. 43).
 2. A dança aparece pela primeira vez no sistema de ensino mineiro no decreto n. 4.524 de 21 de fevereiro de 1916, configurando-se como uma das atividades que, no projeto moderno, atendia aos preceitos ligados à estética e às definições das técnicas corporais consideradas características para cada gênero, sendo que a dança já seria mais direcionada às meninas e mulheres. Em 1927, na Reforma de Ensino Francisco Campos, a prática da *ginástica rítmica* toma-se oficial, sendo incorporada no Programa de Exercícios Físicos ocorrendo, em contrapartida, a exclusão da dança. Nessa reforma, a dança sequer foi citada novamente, sendo dada toda a visibilidade à ginástica rítmica (VAGO, 1997; CHAVES, 2002).

Em 8 de fevereiro de 1952, iniciam-se as atividades da Escola de Educação Física do Estado de Minas Gerais, apoiando-se no decreto-lei n. 1.212/39³ para orientar sua base de funcionamento. Entre coronéis, tenentes e médicos militares, as professoras Guiomar Meirelles Becker, Eva Tiomno⁴ e Odette Meirelles ocuparam as cadeiras das *disciplinas femininas* – educação física geral feminina e ginástica rítmica.

Simultaneamente a esse quadro apresentado, outra instituição começou a dar seus primeiros passos. Em maio de 1952, dom Cabral instalou a Escola de Educação Física das Faculdades Católicas. Assim como na Escola do Estado, o quadro de professores era composto por militares, médicos e alguns professores formados na Escola Nacional de Educação Física e Desporto, no Rio de Janeiro. As professoras Nilda Moraes Pessarolo e Maria Yedda Maurício Ferolla⁵ eram as responsáveis pelas disciplinas educação física geral feminina e ginástica rítmica, respectivamente (KANITZ JÚNIOR, 2003).

Em ambas as instituições verificou-se, cada vez mais, uma pequena procura de candidatos às vagas. A Escola do Estado chegou a realizar dois concursos para preencher as vagas abertas em 1953. Fatos como esses só acirraram as discussões acerca do porquê da abertura de duas escolas na cidade. Uma decisão deveria ser tomada: ou as escolas uniam esforços, ou uma acabaria derrubando a outra. Esse grave problema levou as duas escolas a se fundirem em 1953, passando a serem denominadas Escola de Educação Física de Minas Gerais.

Na disciplina ginástica rítmica⁶, a professora que ficou oficialmente com o cargo foi Maria Yedda Maurício Ferolla. Odette Meireles assumiu o cargo de assistente da

-
3. As instituições fundadas em Belo Horizonte, aqui citadas, seguiram o modelo imposto pelo decreto-lei n. 1.212, tanto nos cursos oferecidos como nas disciplinas ministradas. Os currículos dos cursos eram divididos por sexo, ou seja, eram distintos para homens e mulheres. Nesse período, para as mulheres, o currículo não incluía o futebol e os desportos de ataque e defesa; para os homens era vedada a prática da ginástica rítmica. Além disso, a educação física geral era distinta, com professores do mesmo sexo da turma para a qual ministraria a disciplina (KANITZ JÚNIOR, 2003).
 4. Eva Tiomno pertenceu aos quadros da escola até 1955 e teve uma presença extremamente conturbada na instituição. Encontrei poucos documentos relativos ao seu trabalho, mas pude realizar entrevistas com a professora, obtendo valiosas informações sobre seu trabalho e a escola. Além disso, os relatos de Vera Soares, aluna de Eva Tiomno na Escola do Estado, foram primordiais para tecer um panorama sobre sua atuação como professora da disciplina "ginástica rítmica e danças".
 5. Foi a principal professora das disciplinas que se relacionaram às práticas de dança na instituição, aposentando-se em 1975. No período da confecção de minha monografia, realizei duas entrevistas com a professora, tendo contato com vários documentos pessoais e com um detalhado relato sobre sua atuação na instituição.
 6. Vale ressaltar que a ginástica rítmica presente nos programas escolares desse período não remete à ginástica rítmica desportiva da atualidade. A modalidade praticada hoje obteve a conformação esportiva por volta da década de 1970, incorporando elementos da ginástica feminina moderna que, até então, trabalhava com implementos como corda, arco e bola.

disciplina, trabalhando com a parte rítmica. Ainda na década de 1950, Vera Soares também assume o cargo de assistente, auxiliando a professora Maria Yedda.

Vale ressaltar que, nos dez primeiros anos da instituição, a dança sequer aparecia como componente curricular explícito e evidente⁷. Sua inserção no curso, como atividade teórico-prática, esteve vinculada à disciplina ginástica rítmica, de 1952 a 1962. Seria o mesmo que dizer que a dança esteve na “zona de sombras”⁸ da ginástica rítmica, estando sua visibilidade à sombra dessa disciplina.

APROXIMAÇÕES COM O COTIDIANO DA DANÇA: PRÁTICAS E PRATICANTES⁹

Nesse período inicial, alguns docentes estiveram direta ou indiretamente envolvidos com a dança nessas instituições. Quanto à ginástica rítmica, citarei a professora Eva Tiomno, na fase inicial, e as professoras Maria Yedda Maurício Ferolla, Odette Meirelles e Vera Soares, num período mais alargado¹⁰. Essas professoras construíram os primeiros pilares para a afirmação da dança dentro do cotidiano da escola.

A disciplina ginástica rítmica, nesse período, era marcada pela predominância da dança moderna, além de algumas danças folclóricas e interpretativas. Essa disciplina estava presente em todos os cursos que a escola oferecia, sendo que as alunas frequentavam as mesmas aulas. As aulas eram realizadas em uma sala ou em um salão, utilizando geralmente o piano como recurso didático para a execução das tarefas propostas pelas professoras.

7. Acervo do Centro de Memória da Educação Física (Cemef) da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO) da UFMG.

8. Silvana Vilodre Goellner (2005, p. 71) constrói uma discussão interessante ao afirmar que a presença da mulher na história da prática esportiva esteve, de certa forma, invisível, motivada por uma hegemonia masculina desejada. Essa invisibilidade das práticas esportivas femininas estaria envolta numa espécie de “zona de sombras”, motivada por uma realidade que se convencionou como estável, na qual o homem seria o sujeito indicado ao esporte e às suas práticas consideradas violentas. Essa “zona de sombras” seria causada por uma narrativa histórica, cinematográfica, iconográfica e documental, referenciando essa representação de não-feminilidade de muitas práticas esportivas. Contudo, isso não quer dizer que essas práticas não existiram; muito pelo contrário, essas práticas existiram, somente não tiveram a projeção que mereciam. Enfim, podemos entender que o termo “zona de sombras” indica uma condição na qual uma prática, um sujeito, um fato histórico, dentre outros, estaria invisibilizado por algum elemento mais forte e/ou predominante.

9. A partir daqui, os dados apresentados estarão amparados na pesquisa de fontes realizada no acervo do Cemef/EEFFTO/UFMG; no arquivo da Seção de Ensino (EEFFTO/UFMG); no acervo particular e nos depoimentos das professoras Maria Yedda Maurício Ferolla, Vera Soares e Eva Tiomno.

10. Além dessas, outras personagens marcaram essa história com suas práticas na área da dança: Guiomar Meirelles Becker, Odilon Barbosa, Amita Andrade, dentre outros, contribuíram fortemente nesse período. Outras informações encontram-se na minha dissertação.

As alunas adquiriam noções gerais sobre rítmica e dança, por meio de aulas teóricas e práticas. Eva Tiomno e Maria Yedda apresentavam grandes similaridades nos conteúdos trabalhados, talvez pela formação adquirida na mesma instituição, a Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD). A dança moderna e suas várias técnicas tinham uma centralidade evidente, sendo complementada pelos vários exercícios ligados à área da rítmica, além de trabalhos com banda de percussão. Apesar da preferência pela dança moderna, Eva Tiomno também ensinou algumas danças folclóricas como samba, maracatu, frevo, gafieira e danças gaúchas.

Os conteúdos trabalhados por Maria Yedda na década de 1950 demonstram sua característica pessoal mais forte. De acordo com Vera Soares, Maria Yedda era uma professora muito competente, com uma ênfase muito grande na parte técnica da dança. Estudos sobre a história do balé, a dança moderna e personagens importantes no mundo da dança e da música ditavam a tônica das discussões teóricas.

A regência de banda rítmica e de coral era muito valorizada. Nesse tema, as alunas aprendiam a realizar a interpretação de músicas, a confeccionar instrumentos musicais, faziam treinamentos de coral e tinham noções gerais de regência musical.

No que diz respeito à dança, vários elementos eram exercitados com as alunas. Saltitos, quedas, exercícios de flexibilidade, deslocamentos diversos, planos e direções, giros, posições, elevações, entre outros. Esses vários elementos diziam respeito a uma base de dança que se pensava em passar para as alunas. Com o passar dos anos, outro estilo de dança que aparece cada vez mais nos documentos é a dança regional ou folclórica.

A ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA PROSPERA E SE PROJETA

Na busca pela ampliação de seu campo de influência, tanto em Belo Horizonte como fora dela, a Escola de Educação Física de Minas Gerais implementa duas fortes ações, com o intuito de aumentar sua visibilidade. Em 1957, surgem dois empreendimentos de grande vulto nesse intento: o jornal *Educação Física* e a "Jornada de Estudos de Educação Física", ambos patrocinados por recursos provenientes do estado.

O jornal *Educação Física* foi o órgão responsável pela divulgação de informações relativas à vida da escola, contendo preciosas fontes sobre assuntos diversos. Foram apenas quatro edições¹¹, contendo fotos, artigos, planos de aula, orientações, mensagens direcionadas à sociedade e aos membros da área. Sua intenção era

11. A 1ª edição foi editada em outubro de 1957; a 2ª edição, em janeiro de 1958; a 3ª edição, em novembro de 1958; a 4ª edição, em outubro de 1959.

ressaltar os feitos da instituição, como também valorizar a educação física e seus benefícios sociais. Mesmo com uma importância numérica inferior, os artigos que trazem a dança como tema são fundamentais para compreender as concepções e práticas daquele período.

No artigo "Atividades rítmicas educativas"¹², de Maria Yedda Maurício Ferolla, evidencia-se a apresentação dos conteúdos trabalhados em sua disciplina. Baseando em teorias de Rudolf Laban, a autora fala da importância da teoria do movimento natural aplicado à dança moderna, no intuito de educar as "pessoas tipicamente contraídas [...] movimentando-se com ritmo, harmonia e continuidade". Partindo então do trabalho rítmico, a ginástica rítmica aparece como um instrumento importante, tendo o papel de "desenvolver o ritmo físico, educar o ritmo emocional e dar às *alunas* (grifo do original) conhecimentos indispensáveis do ritmo musical". Nota-se que a autora indica a qual gênero essa atividade estava indicada, já que a ginástica rítmica, ainda nesse período, era indicada às mulheres.

Mostrando o quanto a disciplina ginástica rítmica traduzia a dança, a autora começa a apresentar as vantagens de sua prática. Nos três últimos parágrafos, foi dada uma visão global dos conteúdos da ginástica rítmica, afirmando, ao fim, que "essa Cadeira não deveria ter a designação de 'Ginástica Rítmica' e, sim, um nome mais amplo como, por exemplo, 'Danças Educacionais' ou 'Atividades Rítmicas Educacionais'".

Na 4ª edição do jornal no artigo "Medalha de Ouro para a 'Noite do Folclore' do Diretório Acadêmico"¹³, comenta-se sobre a participação de 70 "alunos" vinculados ao Diretório Acadêmico da Escola. Esse grupo participou do VIII Festival Universitário da Arte, entre os dias 30 de agosto e 8 de setembro de 1959, com uma sequência coreográfica chamada "Noite do Folclore"¹⁴. A coreografia ganhou o prêmio máximo do festival. A foto inserida no artigo dá uma primeira impressão de que há homens dançando nesse evento. Em seus depoimentos, as professoras Maria Yedda e Vera Soares afirmaram que, quando era necessária a representação da figura masculina em alguma coreografia, as mulheres se caracterizavam de forma que parecessem homens, ou seja, os homens não participaram dessas atividades nesse período.

Também objetivando ampliar a inserção da escola na sociedade belorizontina e mineira, foi realizada, de 12 a 20 de agosto de 1957, a I Jornada de Estudos de

12. *Educação Física*, órgão oficial da Escola de Educação Física de Minas Gerais, ano I, n. 2, p. 11, jan. 1958.

13. *Educação Física*, órgão oficial da Escola de Educação Física de Minas Gerais, ano III, n. 4, p. 5, out. 1959.

14. Essa sequência coreográfica foi montada pelas professoras Maria Yedda, Odete Meireles, Vera Soares e Heloísa Martins.

Educação Física. Um grande evento com a realização de aulas, conferências, cursos e demonstrações; contando com a presença de professores do Brasil e do exterior. Foram realizadas, ainda, outras quatro edições da Jornada de Estudos, a partir de então designada Jornada Internacional de Educação Física.

Segundo o jornal *Educação Física* e os anais da II e da V Jornada Internacional de Educação Física¹⁵, no que diz respeito a assuntos ligados à área de dança, ocorreram os seguintes cursos:

- *I Jornada de Estudos* (12 a 20 de agosto de 1957): Atividades Rítmicas e Danças Folclóricas Brasileiras – Zaíde Maciel de Castro;
- *II Jornada Internacional* (22 de julho a 2 de agosto de 1958): Danças Folclóricas da Iugoslávia – Ivan Varga; Danças Gaúchas – sem autor; Danças Folclóricas do Chile – Juana Munizaga; Dança Moderna – Helenita Sá Earp, Glória Marcos Dias e Myda Sala Pacheco;
- *III Jornada Internacional* (17 de julho a 2 de agosto de 1959): Danças Regionais do Rio Grande do Sul – João Carlos Paixão Côrtes;
- *IV Jornada Internacional* (18 a 30 de julho de 1960): Ginástica Rítmica – Lia Bastian Meyer;
- *V Jornada Internacional* (15 a 28 de julho de 1962): Ginástica Primária e Danças Folclóricas – Consuelo de Carvalho de Freitas Pinto.

Mesmo que somente mulheres praticassem a dança em sua formação acadêmica, há indícios evidentes da participação de homens nos cursos ofertados nessas jornadas. No jornal *Educação Física* há trechos de artigos que relatam apresentações feitas em homenagem ao governador Bias Fortes e a Dom Cabral¹⁶.

As demonstrações foram encerradas com alguns números de dança folclóricas brasileiras, sob a direção da profa. Zaíde Maciel de Castro e com a participação de membros da Jornada. Nos intervalos dessa última parte, o prof. Gerhard Schmidt, com um grupo de rapazes e moças, apresentou algumas danças características de seu país, a Áustria¹⁷.

Outra fonte importante é uma foto¹⁸ do curso “Atividades Rítmicas e Danças Folclóricas Brasileiras”, da professora Zaíde Maciel de Castro, na I Jornada de Estudos

15. Todos os documentos encontram-se no Cemef/EEFFTO/UFMG.

16. Essa homenagem ao governador Bias Fortes foi realizada nos jardins do Palácio da Liberdade. Já a homenagem a dom Cabral foi feita em um sítio, nas vizinhanças de Venda Nova, no qual o arcebispo dom Cabral se encontrava em estado de convalescença. Fonte: Arquivo audiovisual Cemef/EEFFTO/UFMG.

17. *Educação Física*, órgão oficial da Escola de Educação Física de Minas Gerais, ano I, n. 1, p. 2, out. 1957.

18. Arquivo audiovisual Cemef/EEFFTO/UFMG.

da Educação Física, na qual vários homens participavam ativamente da aula, além de outros que estavam sentados, como espectadores.

No curso “Danças Folclóricas da Iugoslávia”, do professor Ivan Varga, na II Jornada Internacional, algumas danças eram direcionadas ao público masculino¹⁹. Isso pode indicar que nas outras jornadas tenha havido a participação de homens nos cursos de dança, deixando indícios de que a dança era um conteúdo que interessava também aos homens, assim como o futebol poderia ser um tema que interessava às mulheres.

Eustáquia Salvadora de Sousa destaca a imensa dificuldade que as mulheres tinham em dar aulas de futebol para as crianças, quando atuavam profissionalmente em escolas. Isso ocorria, já que as mulheres eram excluídas, dentro do currículo da escola, da disciplina de futebol. Para superar essa dificuldade, as mulheres tinham que fazer cursos à parte (MATOS, 2003). Se as mulheres buscavam formação específica em futebol para suprir uma demanda vinda de sua prática nas escolas, talvez os homens estivessem passando pela mesma situação no que se refere a outras práticas, inclusive a dança. Isso poderia explicar a presença masculina num curso de dança, como esse que ocorreu na I Jornada de Estudos. Mesmo que o interesse masculino tenha surgido por pura curiosidade, esse fato já seria uma ruptura nos padrões idealizados no início do século XX, quando se procurou vincular as práticas de dança somente ao feminino.

De qualquer forma, a presença dos homens demonstra que não se pode reduzir a compreensão de uma instituição escolar ao seu programa de ensino. Se assim fosse, diríamos que os homens não haviam participado de quaisquer práticas de dança nesse período nessa instituição, baseando-se somente no programa curricular oficial. As fontes puderam comprovar que, mesmo de forma apagada e fora do currículo oficial, os homens se envolveram em práticas de dança, algo que tensionava com o que a própria legislação indicava.

NOVAS MUDANÇAS NO DECORRER DA HISTÓRIA...

Amanda Matos mostra que no novo currículo do curso “Educação Física Infantil”, aprovado pela Congregação da Escola em 28 de maio de 1962²⁰, deixa de constar a disciplina ginástica rítmica, sendo a mesma substituída por danças educativas (MATOS, 2003, p. 54-55). O mesmo ocorreu no curso superior, também ofertado nesse período, nessa instituição.

19. Anais da II Jornada Internacional de Educação Física, em 1958.

20. Ata da Congregação n. 2, 28 maio 1962, p. 40. Arquivo audiovisual Cemef/EEFFTO/UFMG.

Nos diários de classe da disciplina danças do curso de educação física infantil pode-se perceber que os conteúdos trabalhados com as alunas eram basicamente os mesmos que aqueles ofertados no curso superior²¹. Questionadas sobre isso, as professoras Vera Soares e Maria Yedda afirmaram que não havia grandes mudanças nos conteúdos, sendo feitas apenas algumas modificações, algo que não foi possível precisar a partir das fontes analisadas.

Nos registros de um programa de ensino da disciplina “Danças” já fica nítido o interesse das professoras na procura de maiores conhecimentos na área, já que as práticas de dança se diversificaram, com destaque para a dança folclórica.

As danças folclóricas, nacionais e internacionais, cada vez mais, foram adquirindo espaço, dentre as práticas propostas para as disciplinas. Esse crescimento foi motivado pelo imenso interesse por este estilo de dança, muito bem aceita nas escolas²². Houve uma imensa preocupação, por parte das professoras, em trazer, cada vez mais, os conhecimentos referentes à dança, que eram adquiridos nos cursos que sempre frequentavam.

Apesar disso, a professora Maria Yedda ainda estava fortemente influenciada pela dança moderna. Nos diários de classe desse período, com informações mais detalhadas, também aparecem trabalhos baseados em danças interpretativas e coreografias montadas a partir de temas variados. Entre esses temas estão músicas conhecidas (*Aquarela do Brasil*, por exemplo), danças populares (samba, frevo, balainha) e até poesias (“E agora, José?” – Carlos Drummond de Andrade). Dentre os conteúdos, podemos ainda citar o trabalho de autocriação, improvisação e iniciação expressiva da dança.

Nesse período, nenhuma fonte indicou atividades, disciplinares ou não, em que confirmasse a participação de homens em práticas de dança.

PRÁTICAS MASCULINAS DE DANÇA: HOMENS EM CENA...

A presença de práticas de dança na instituição agora denominada Escola de Educação Física da UFMG, após sua federalização em 1969, apresentam uma mudança marcante, a partir da inclusão da dança na formação obrigatória dos homens.

As disciplinas ginástica rítmica e danças determinaram o território no qual a dança deveria caminhar até então, marcando oficialmente somente a formação de professoras, personagens indicadas para o ensino e a execução de movimentos

21. O curso de graduação de educação física continuou a ser denominado como curso superior de educação física, nos diários de classe.

22. Depoimento da professora Maria Yedda Maurício Ferolla – Arquivo Audiovisual Cemef.

delicados, num período no qual o conteúdo, direcionado aos homens, não era visto com bons olhos nos meios acadêmicos.

Mesmo com a presença de homens em alguns eventos ocorridos na escola, eles estiveram envolvidos com a dança em momentos esporádicos, em situações que não conformavam uma prática contínua e/ou disciplinar.

Quando se pensa que nas aulas masculinas de educação física no sistema de ensino formal quase não se trabalhava a dança, em parte é porque os profissionais não tinham a oportunidade de vivenciá-la na formação dentro dos cursos universitários. O esporte e a ginástica tiveram destaque em suas aulas porque eram legitimadas pelo currículo universitário.

Entre participar de pequenos cursos de dança e estar obrigado, pelo currículo, a vivenciar a dança havia uma grande diferença. Quebrar essa barreira tornava-se algo difícil. Essa mudança não seria apenas no currículo, mas em toda uma representação que vinculava a dança, no meio escolar, à mulher. Era como se qualquer manifestação semelhante ao modo feminino trouxesse risco à imagem do homem viril, gerando uma ameaça ao seu referencial de poder, demonstrando fraqueza e inferioridade, algo não aceito numa cultura tipicamente patriarcal (MUSZKAT, 1998). É como se existisse uma *ética*, uma maneira de se servir do corpo, numa naturalização dos princípios antagônicos da identidade masculina e feminina, criando um *habitus viril* (não feminino) e um *habitus feminino* (não masculino), num processo de produção de corpos socialmente diferenciados do gênero oposto (BOURDIEU, 2003).

Nesse panorama aqui traçado, tem-se um exemplo clássico de uma ação político-educacional ajudando a conformar identidades de gênero. Ao indicar a ginástica rítmica e a dança, nos contextos aqui traçados, como sendo práticas femininas, o currículo universitário ajudou a construir e/ou reforçar essas representações. Como afirmam Scott (1990) e Louro (1992), a categoria “gênero” é uma categoria relacional, ou seja, não é conveniente analisar as questões ligadas ao universo feminino sem relacioná-lo ao universo masculino, e vice-versa. Porém, essas relações de gênero também são mutáveis, diferenciando-se de acordo com o tempo histórico e/ou o contexto sociocultural analisado (SCOTT, 1990; LOURO, 1992). Para Scott (1990), a definição da categoria gênero vai além da simples diferenciação entre corpos anatomicamente distintos, sexuados, partindo de uma visão essencialmente biologista. Segundo a autora, o termo gênero é utilizado como uma maneira de designar as “construções sociais” feitas sobre esse corpo, o qual adquire uma identidade masculina ou feminina a partir dos símbolos historicamente construídos e legitimados pelos indivíduos.

Ao dividir os currículos em masculino e feminino, nos cursos de formação de professores de educação física, direcionando disciplinas que podem ou não

podem ser cursadas, pode-se inferir uma intencionalidade, inclusive no que diz respeito ao tema de estudo. Ou seja, as permanências ou mudanças que incidissem na formação dos alunos dessa instituição seriam, em grande parte, absorvidas por eles. Ao tornarem-se professores, atuando no meio escolar, levariam grande parte das representações repassadas a eles na instituição na qual se formaram. Nesse sentido, a ação de um grupo de professores da ENEFD foi primordial para mudar essa realidade que dificultava a prática masculina da dança no meio escolar.

Na Reforma Universitária de 1968, foi formada uma comissão dirigida por Maria Lenk, diretora da ENEFD naquele período. Essa comissão deveria discutir as mudanças necessárias e viáveis para os cursos de educação física no Brasil. Entre os aspectos debatidos, foi dado destaque à equivalência entre as cadeiras masculinas e femininas, na busca de um currículo mais próximo para ambos os sexos. A dança foi introduzida oficialmente e com caráter obrigatório em ambos os currículos dos cursos de educação física em meio a uma discussão polêmica. Essa inclusão tornou-se viável a partir da disciplina denominada “rítmica” (PACHECO, 1998, p. 157).

Como esperado, a Escola de Educação Física da UFMG seguiu a resolução proposta por essa comissão, a partir do parecer n. 894/69, que incluiu a disciplina rítmica no currículo masculino, substituindo o nome “danças” no currículo feminino, a partir de 1969. No currículo masculino a rítmica estava presente somente no primeiro ano, por meio da disciplina rítmica I, ofertada apenas no primeiro semestre do curso; no currículo feminino, a disciplina estava prevista nos três anos do curso, dividida em até cinco unidades²³.

A inclusão da rítmica no currículo masculino foi um avanço considerável, mas essa imensa diferença quantitativa em relação ao currículo feminino demonstra que ainda havia um grande obstáculo a ser vencido para que homens e mulheres tivessem os mesmos direitos no que se refere à prática da dança, em suas várias possibilidades de aplicações no meio escolar.

Nesse período, as aulas com as turmas masculinas eram ministradas separadamente²⁴. Na disciplina rítmica, os conteúdos ministrados aos homens e às mulheres tinham algumas similaridades. Todavia, enquanto as mulheres aprendiam os movimentos tipicamente femininos, os homens realizavam aqueles que reafirmassem sua virilidade e masculinidade. Ao ser questionada sobre as danças que eram trabalhadas com os homens, a professora Maria Yedda comenta:

23. Diários de classe das disciplinas de rítmica da Escola de Educação Física de Minas Gerais. Arquivo do Cemef e da Sessão de Ensino (EEFFTO/UFMG).

24. Depoimento da professora Vera Soares – Arquivo Audiovisual Cemef.

Tinham as danças com batidas de pé. Tinha uma dança também com batidas de bastões. De modo que tinha uma parte, assim mais específica da parte masculina. Na parte masculina, eram as danças, principalmente, dentro da parte folclórica²⁵.

Eustáquia Salvadora de Sousa afirma que as danças ministradas ao público masculino nessa instituição vieram “intensificar a adoção de gestos entendidos como viris, necessários à reafirmação da imagem de um homem forte e audacioso” (SOUSA, 1994, p. 147).

Vera Soares relata que alguns alunos se recusaram a fazer aulas, sendo que nas aulas práticas preferiam ler jornais. Nesse quadro, os alunos não deixavam de ser alvo de críticas e comentários maledicentes de professores e outros alunos. Em vários momentos, os alunos eram motivo de *chacota*:

Tínhamos aula na sala de dança [...] Todos os dias os professores de judô iam na aula e diziam: “Que gracinha!”. Então o que eu fiz, eu passei, fazíamos de frente para cá [para a porta], então botei eles de costas, sabe? Eu ficava de frente e aí eu falava: “Ó professor, não faz isso não! Está atrapalhando minha aula e eles já têm vergonha, né, de fazer aula”. Porque no Brasil homem não dança assim, né. Então ele parou a brincadeira. Mas vinham outros também e faziam *chacota*. Entre eles mesmos [...]²⁶.

Lidar com movimentos considerados tipicamente femininos no meio acadêmico, algo novo naquele período, tornou-se constrangedor a princípio. De certa forma, representava conviver com representações antes observadas, não praticadas. A ideia de masculinidade vem de um certo receio do feminino, construído numa perspectiva relacional, ou seja, “construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade” (BOURDIEU, 2003, p. 67).

A situação não era mais complicada porque, na disciplina rítmica, outros conteúdos eram trabalhados. A parte teórica e os exercícios rítmicos ocupavam boa parte do programa masculino. Não foram encontradas evidências de trabalhos com dança moderna ou interpretativa. Aos poucos, a dança folclórica foi sendo desenvolvida e mais bem aceita pelas turmas masculinas. A professora Maria Yedda deu grande destaque às danças gaúchas, sendo que estas sempre estavam presentes nos registros dos diários, enquanto outras apareciam esporadicamente.

Torna-se necessário pesquisar períodos posteriores ao proposto nesta pesquisa, para, discutindo os avanços e as permanências, que representações foram produzidas, que novas formas de lidar com a dança foram criadas a partir dessa mudança. Outro tema interessante de pesquisa é a forma com que os homens se

25. Depoimento da professora Maria Yedda Maurício Ferolla – Arquivo Audiovisual CemeF.

26. Depoimento da professora Vera Soares – Arquivo Audiovisual CemeF.

apropriaram da dança em suas aulas, depois de se tornarem professores, nas diversas redes de ensino. Indagar-se se, a partir dessa mudança curricular, os professores formados na Escola de Educação Física passaram a incluir ou avançar no ensino da dança no meio escolar. No caso daqueles que incluíram, quais resistências foram observadas ou quais vitórias foram alcançadas?

MUDANÇAS A CAMINHO...

O novo currículo do curso de licenciatura plena em educação física da UFMG trouxe alguns impactos sobre a dança a partir de 1978. Nesse novo currículo, a disciplina rítmica foi substituída por três outras disciplinas: rítmica básica (1º semestre), dança elementar (2º semestre) e rítmica coreográfica (3º semestre, somente para as mulheres). Além dessa alteração importante, um ponto merece maior destaque: a aula passou a ser ministrada conjuntamente, com homens e mulheres dançando num mesmo espaço, ao mesmo tempo. Isso era incomum em outras disciplinas do curso nesse período.

A rítmica básica tinha carga horária de 45 horas para os homens e 60 horas para as mulheres. Já a dança elementar possuía a carga horária de 60 horas para ambos os sexos. Pode-se considerar esse fato como um avanço na forma como a dança passou a ser vista no curso. De uma prática que vivia na zona de sombras (GOELLNER, 2005, p. 71), inclusive para as mulheres, passa a figurar como uma disciplina independente, com a devida visibilidade, inclusive no currículo masculino. Pela primeira vez, para os homens, a dança é ofertada de forma nítida no currículo do curso.

Tomando como base as discussões e fontes aqui analisadas, pode-se inferir que algumas dificuldades permearam essa nova relação dos homens com a dança. Isso, porém, deve ser objeto de outras pesquisas, já que a disciplina passou a ser ofertada em 1978, um ano depois do período analisado neste artigo. Fica, aqui, o anúncio de que a dança, em suas várias nuances, pode e deve se tornar objeto de novos roteiros na história que aqui se encerra. Alunos e professores; homens e mulheres; todos os personagens que ora deixamos de observar, continuaram escrevendo uma história da dança na Escola de Educação Física da UFMG, experimentando os reflexos de todo esse lento e complexo momento aqui apresentado. A indicação que fica, ante os fatos aqui relatados, é a de que a dificuldade em trabalhar a dança com homens no meio escolar não é gratuita, tem raízes na história construída diante desse conteúdo. Como destaca Guacira Lopes Louro, “somos sujeitos de identidades transitórias” (LOURO, 1999), sendo que essas identidades podem ser descartadas ou reconstruídas, de acordo com o nível de interesse e as influências

externas com as quais estamos envolvidos(as), o que caracteriza a instabilidade e a pluralidade de nossa ação individual e social.

Histories of dance practice at the School of Physical Education in Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

ABSTRACT: The present study examines of historical moments related to the history of dance at the School of Physical Education in Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), during its first twenty-five years of existence. The present study seeks to understand the representations that related the dance to the female and pushed away the male during the physical education classes. The facts reported here suggest that the difficulty in teaching dance with men at school has roots in history.

KEYWORDS: Dance; history; gender.

Historias de las prácticas de danza en la Escuela de Educación Física de la Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

RESUMEN: Este estudio pretende analizar los momentos históricos ligados a la historia de las prácticas de danza en la Escuela de Educación Física de la Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) en sus primeros veinticinco años de existência. Se busca comprender las representaciones que vincularon la danza a lo femenino, alejando lo masculino de ese contenido de la educación física. Los hechos aquí relatados señalan que la dificultad para trabajar la danza con hombres en el medio escolar no es gratuita, tiene raíces en la historia construida frente a ese contenido.

PALABRAS CLAVES: Danza; historia; género.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA CAMPOS, M. A. *Histórias entrelaçadas: presença da dança na Escola de Educação Física da UFMG*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2003.

BRASIL. Decreto-lei 1.212 de 17 de abril de 1939. Cria, na Universidade do Brasil, a Escola Nacional de Educação Física e Desportos. *Diário Oficial*, Rio de Janeiro, 20 abr. 1939.

CHAVES, E. *A escolarização da dança em Minas Gerais (1925-1937)*. Dissertação (Mestrado em Educação Física) -- Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

GOELLNER, S. V. Jogos Olímpicos e desafios: carruagens de fogo. In: MELO, V. A. de; PERES, F. de F. (orgs.). *O esporte vai ao cinema*. Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 2005. p. 65-73.

KANITZ JÚNIOR, R. M. *Escola de Educação Física de Minas Gerais (1950-1958): o começo de uma história*. Monografia (Graduação em Educação Física) -- Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

LOURO, G. L. Uma leitura da história da educação sob a perspectiva do gênero. *Teoria & Educação*, n. 6, p. 53-67, 1992.

_____. Pedagogias da sexualidade. In: _____. (org.) *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MATOS, A. T. de A. *Escola de Educação Física de Minas Gerais: investigando a formação de professoras para a Educação Física Infantil (1952-1969)*. Monografia (Graduação em Educação Física) -- Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

MUSZKAT, M. E. Violência de gênero e paternidade. In: ARRILHA, M.; RIDENTI, S.; MEDRADO, B. (orgs.). *Homens e masculinidades*. São Paulo: Editora 34, 1998. p. 215-233.

PACHECO, A. J. P. *Gênero e dança na Escola Nacional de Educação Física e Desportos: fragmentos de uma história*. Dissertação (Mestrado em Educação) -- Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1998.

PESAVENTO, S. J. *História & história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990.

SOUSA, E. S. de. *Meninos, à marcha! Meninas, à sombra*. A história do ensino da Educação Física em Belo Horizonte (1897-1994). Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

VAGO, T. M. A escolarização da gymnastica nas escolas normais de Minas Gerais (1883-1918). In: NETO, A. F. (org.). *Pesquisa histórica na educação física*. V. 2. Vitória: Centro de Educação Física e Desportos/UFES, 1997. p. 33-58.

Fontes pesquisadas

Acervo do Centro de Memória da Educação Física (Cemef) da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Arquivo da Seção de Ensino da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Acervo particular das professoras Maria Yedda Maurício Ferolla e Vera Soares.

Recebido: 6 mar. 2009

Aprovado: 5 ago. 2009

Endereço para correspondência
Marcos Antônio Almeida Campos
Rua Sena Madureira, 240, ap. 208 – Bairro Ouro Preto
Belo Horizonte-MG
CEP 31340-000